

# A POLARIZAÇÃO DAS REDES NO DEBATE ELEITORAL BRASILEIRO E O CETICISMO POLÍTICO

*The polarization of networks in the  
Brazilian electoral debate and political  
skepticism*

**Amelia Aben Athar Olinto Ramos**

**E-mail:** ameliaab@hotmail.com

Associação dos Magistrados do Rio de Janeiro, AMAERJ, Brasil

## Resumo

O presente artigo busca analisar o cenário eleitoral brasileiro do ano de 2018 a partir das redes sociais, especificamente, o Facebook. O estudo avalia como o papel das redes digitais podem ter alterado as relações sociais por evidenciar conflitos e ceticismos com o surgimento de blogs e grupos de ideologia de direita e esquerda, que se antagonizam no Facebook. O trabalho de pesquisa está compreendido no período entre o início do horário da propaganda eleitoral gratuita até o resultado das eleições. Serão analisados posts de dois grupos: “Pragmatismo Político” (que ideologicamente caracteriza-se como esquerda) e “MBL – Movimento Brasil Livre” (que pode classificado como grupo ideologicamente de direita).

**Palavras-chave:** Ceticismo; Eleições; Facebook; Fake News; Tecnologia digital.

## Abstract

This article seeks to analyze the Brazilian electoral scenario of 2018 from social networks, specifically, Facebook. The study evaluates how the role of digital networks may have altered social relations by highlighting conflicts and skepticism with the emergence of blogs and ideological groups from the right and left, which antagonize on Facebook. The research work is in the period from the beginning of the free electoral propaganda until the election results. Posts from two groups will be analyzed: "Political Pragmatism" (which is ideologically characterized as left) and "MBL - Free Brazil Movement" (which can be classified as an ideologically right group).

**Keywords:** Skepticism; Elections; Facebook; Fake News; Digital technology.

## Introdução

O trabalho apresentado é um estudo que começou a ser realizado - e que ainda está em etapa inicial - cuja motivação centrou-se na percepção da autora de como se comportam as relações de antagonismos políticos na rede. As eleições de 2018 parecem ter trazido modificações importantes ao cenário eleitoral brasileiro. O pleito foi conduzido por uma volumosa e rápida circulação de informações, por notícias falsas e pela criptografia do Whatsapp. Em um mundo de manipulação das redes, em campanhas como as de Donald Trump e do Brexit, e as eleições em que russos são acusados de hackear,<sup>1</sup> não faltaram especulações sobre influências estrangeiras nas eleições brasileiras, como a possível interferência da empresa britânica de dados e análise política Cambridge Analytica (CA) e de seu ex-conselheiro Steve Bannon, ex-estrategista do governo americano.

Desde que começamos a entender que as redes sociais digitais criaram uma esfera de debate online, os dados produzidos por institutos de pesquisas eleitorais já não dão conta de uma análise precisa da intenção de voto. A crise não parece ter se estabelecido somente no Brasil e em um recente passado tomamos conhecimento de resultados de pesquisas projetados adversos dos resultados das urnas. O *Brexit*, campanha para saída no Reino Unido da União Europeia (EU), foi um desses casos. Até o momento final da consulta pública esperava-se que a Inglaterra permanecesse na UE. Outro caso emblemático deu-se últimas eleições para presidência dos EUA, disputada entre Hillary Clinton e Donald Trump, com vitória deste. Ambos os exemplos não estavam na projeção das pesquisas, até o último momento, como foram, de fato, atestados nas urnas.

Desta forma, as redes assumem uma atuação importante. Portanto, torna-se relevante o estudo sobre como o papel das redes digitais pode ter alterado as relações sociais por evidenciar conflitos e ceticismos, principalmente nos debates políticos com o surgimento de blogs e na formação de grupos de ideologia de direita e esquerda no Facebook. O artigo pretende entender, a partir do início do horário da propaganda eleitoral gratuita 30 de agosto, até final do pleito no segundo turno, 28 de outubro de 2018, de que maneira se desenvolveram os debates e os antagonismos para compreender o ceticismo político e os efeitos do debate político nas redes. Para isso, serão analisados alguns posts de dois grupos:

---

1 Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/hackers-russos-tentam-interferir-nas-eleicoes-no-brasil-diz-empresa-de-ciberseguranca.shtml>. Acesso em: 19.06.2019  
Hackers Russos tentaram interferir nas eleições brasileiras usando as redes sociais para insuflar artificialmente debates que questionam a democracia no país e outros temas ligados a disputa presidencial.



“Pragmatismo Político” (que ideologicamente caracteriza-se como esquerda) e “MBL – Movimento Brasil Livre” (que podem ser categorizado como grupo ideologicamente de direita).

As redes sociais causaram um excesso de estetização do cotidiano, com blogs, sites e este excesso foi notado com bastante ênfase no cenário político. Não só pela propagação imediata das imagens, mas principalmente e com ênfase, nos que se especializaram no assunto: política. O cotidiano (CERTEAU, 1998), na internet, deve ser pensado incluindo as questões econômicas, ideológicas e principalmente os impactos e possíveis efeitos sobre os usuários da internet. O discurso assume uma velocidade que em pouco tempo o que se apresenta em um instante, já tornou-se ultrapassado para uma grupos numerosos de pessoas. De acordo com Lipovetsky e Serroy (2015), esta é uma nova ótica do capitalismo, agora centrado no modelo pós-fordiano, ou pós-industrial da economia liberal.

O que se percebe é que as redes sociais criaram uma esfera de debate (HABERMAS, 2011). O trabalho aqui apresentado pretende entender através do estudo de posts coletados no Facebook, de que maneira os debates e os antagonismos na rede geram resultados que movimentam massas de internautas. Além disso, pretende-se compreender o possível surgimento de uma visão política cética, no Brasil, visto que o número de abstenção de votos tem crescido ao longo das sucessivas eleições.

Fato que também merece atenção especial na discussão sobre as mídias sociais e o ceticismo político, as eleições presidências de 2014 revelaram o mais alto índice de abstenção de voto desde as eleições de 1998, de acordo com dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Chegando a 19,4% do eleitorado brasileiro, foram totalizados 27,7 milhões de eleitores brasileiros (dos 142,8 milhões) que não compareceram às urnas. No entanto, em 2018 o índice de abstenção apurado foi de 21,3% de um total de 147,3 milhões de eleitores, superando o ano de 2014. Isto pode de alguma maneira ratificar que os debates na rede fomentam alguns comportamentos sociais,<sup>2</sup> especialmente no que se refere ao grau de abstenção nas eleições. De maneira geral, o debate que antes estava concentrado nas mídias tradicionais passou a apresentar uma significativa mudança com a internet e o meio digital.

Em virtude disso, é de grande importância procurar entender como operam as relações virtuais de grupos de ideologias políticas antagônicas em um cenário eleitoral de incertezas e ceticismos.

---

2 Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/blog/eleicao-em-numeros/post/nivel-de-abstencao-nas-eleicoes-e-o-mais-alto-desde-1998.html>. Acessado em 19.06.2019

Os grupos de opiniões ideológicas políticas contrárias no Facebook disputam a hegemonia (COUTINHO apud GRAMSCI, 1999) de suas ideias sobre a sociedade e suas questões estão provavelmente mais além do que simples rivalidades. Muito provavelmente transitam pela ordem das construções morais, totalmente opostas. Isto traduz uma formação carregada de valores e construída de forma que qualquer divergência é uma ameaça categórica constante à relação entre os indivíduos.

As relações de poder reprimem a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe. Quando o discurso contemporâneo define repetidamente o poder como sendo repressivo, isto não é uma novidade (FOUCAULT, 1981); o tempo, nas redes, favorece o capital usando a política e estabelecendo uma relação de poder. O que está em jogo na política hoje é a rivalidade e a questão de afirmação dos grupos econômicos que sustentam cada uma das candidaturas. Então na verdade não se tem uma guerra por um projeto de país, o que temos é uma guerra de interesse econômico e de poder a partir de forças antagônicas. O poder político, ainda segundo Foucault, reinscreve perpetuamente estas relações de força, através de uma guerra silenciosa, nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos.

Neste sentido, vale ressaltar que a internet deu alguns sinais de que incentivaria a troca entre as pessoas, com suas diferentes culturas, línguas, opiniões, origens, estimulando de alguma maneira as experiências que resultariam em pluralismo. Por outro lado, proporcionou meios para formação de grupos que reforçam o preconceito e de alguma maneira, como as redes e seus algoritmos inserem nos feeds de notícias, oferecem conteúdos de acordo com nossas preferências, reforçando cada vez mais a ideia de estarmos em uma realidade confortável.

Partindo desta ideia de que as redes digitais proporcionam um horizonte da ciberdemocracia, o que encontramos é uma realidade cada vez mais fechada em bolhas. Nas bolhas ideológicas que surgem nas redes digitais, sem diálogo político, o que temos como resultado é a geração de polêmicas. Cada um na sua trincheira, sem troca significativa.

A política gera um movimento no Facebook e é possível notar que algo está para além da polarização, propriamente dita. Questiona-se que talvez haja um interesse do sistema em manter a rede polarizada. Entende-se sistema como o interesse capitalista e político que nos leva a refletir sobre o capitalismo Fordista e a possível origem de um novo sistema que alimenta as redes. Estamos diante de uma produção fabril no campo da comunicação. Há uma indústria da produção de informação e contrainformação e o que está em jogo não é um embate de ideias ou de um projeto de país. O que percebe-se é uma guerra de informação e contrainformação através de uma lógica industrial de produção de conteúdos que se presta a determinado grupo e como não há controle nem regulação, pode-se utilizar a arma que for conveniente.

Essa política, no cenário do Facebook, reflete que quanto mais tempo empreendido nas redes, mais envolvido no fortalecimento de um capital cognitivo, centrado nas mudanças ocorridas pelas tecnologias da internet, da Web 2.0, que transformaram o modo de produção e a natureza do trabalho. O consumidor customiza a informação. Partindo do pressuposto de que a rede envolve o usuário e vice-versa, vale entender se estamos diante de uma ecologia das mídias fazendo com que a ubiquidade da rede nos envolva. Ou seja, a rede envolve o usuário, ao contrário de o usuário se deslocar até ela. Uma conexão generalizada.

Os grupos de Facebook escolhidos têm revelado cada vez mais uma polarização política construindo uma arena de debates, que será importante para percebermos de que maneira a polarização tem se tornado um vilão quando o assunto é eleição e discussões políticas, produzindo uma certa opacidade compreensiva quanto ao projeto político. As mídias sociais digitais são ferramentas que permitem a divulgação e compartilhamento de conteúdo, já as redes sociais são os sites de relacionamento que formam as pessoas em rede e ao mesmo tempo uma interação com o público que tenha alguma ligação ou interesse comum. É nessa arena de convergência que o estudo pretende se desenvolver para compreender os conflitos que emergem.

## Metodologia

A questão que norteia a metodologia busca entender como os cidadãos se apropriam do Facebook para divergir das questões políticas de forma tão polarizada e antagonica. Os discursos baseados em discordâncias parecem ter se tornado a tônica da narrativa do Facebook, em tempo de transição de governo, da esquerda para a direita, da TV para as redes sociais. Em uma primeira etapa foi necessária a identificação do universo a ser analisado por meio da navegação exploratória para mapear publicações (posts). Em um segundo momento, foi feita a organização dos dados importantes para uma amostra final de posts. A leitura desses dados compõe uma terceira etapa, que permitirá condensar esses comentários em categorias.

Para facilitar a compreensão do universo a ser estudado neste artigo, foi elaborado um quadro com os grupos do Facebook, o número de comentários e o número de compartilhamentos.

<b>Grupos Facebook</b>	<b>Postagem</b>	<b>Data</b>	<b>Nº de comentários</b>	<b>Nº de compartilhamentos</b>
Pragmatismo Político	Globo decide não cobrir agenda do PT nas eleições após Lula subir nas pesquisas.	23/08/18	47	335
MBL	Petistas são pagos para fazer propaganda no Twitter.	27/08/18	22	3.693
MBL	Lula só se tornou inelegível graças ao excelente trabalho feito por homens e mulheres que merecem ser lembrados para sempre.	02/09/18	664	7.790
Pragmatismo Político	TSE manda Facebook remover notícia sobre Jair Bolsonaro.	06/09/18	62	14

**Fonte:** Elaboração da autora a partir dos dados coletados

O presente trabalho desenvolveu-se por meio de uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório-descritivo e abordagem quali-quantitativa, realizada a partir de dados primários coletados do Facebook dos grupos selecionados. Os posts foram coletados no período do começo do horário eleitoral gratuito de 30 de agosto a 28 de outubro, quando ocorreu o segundo turno das eleições de 2018. Para o trabalho foram selecionados alguns posts relevantes para discussão. Os dados analisados serão apresentados e discutidos através de textos e imagens.

A técnica de amostragem não-probabilística foi adotada neste estudo, uma vez que, quem decide a unidade de análise em detrimento da acessibilidade para se conseguir informações, nesse caso, é a pesquisadora. É importante ressaltar que não há previsão de estudo quanto à robotização do processo eleitoral. Na realidade a atenção está voltada para os perfis que têm uma identidade ou institucional ou de grupo, como é o caso do MBL e Pragmatismo Político, e como se apresentam no Facebook, especificamente.

A imersão em comunidades é o ponto de partida usando critérios de dados quantitativos e qualitativos para o desenvolvimento do trabalho. Observando os posts, comentários, linhas de argumentação, selecionando os mais comentados e mais discutidos para aprofundar a análise.

A pesquisa se baseou no uso de netnografia, preferido por pesquisadores da área em seus estudos relacionados à Internet, uma adaptação da pesquisa etnográfica que leva em conta as características dos ambientes digitais, da comunicação mediada por computadores e análise de redes sociais.

De acordo com Kozinets (2014), em netnografia a coleta de dados não acontece isoladamente da análise de dados. Durante a coleta de dados cabe ao netnógrafo se esforçar para compreender as pessoas representadas nessas interações a partir do contexto comunal e cultural online em que elas se inscrevem. O próprio fato de participar da comunidade pode mudar a natureza da posterior análise de dados.

## Referencial teórico

Em 2018, o Facebook retirou do ar páginas e contas usadas pelos membros do grupo ativista de direita Movimento Brasil Livre (MBL),<sup>3</sup> cerca de 196 páginas e 87 contas no Brasil. O conteúdo das páginas que tinha meio milhão de seguidores, variava entre temas políticos e notícias sensacionalistas. O movimento ganhou força em 2016 no impeachment da presidente Dilma Rousseff. Ao mesmo tempo, ativistas e articulistas de direita se opuseram quanto à decisão do Facebook reduzir o alcance na plataforma de matérias contendo notícias verificadamente falsas.

Estamos vivendo com as redes digitais o que Hunter (1991)<sup>4</sup> definiu há algumas décadas sobre a sociedade americana, como guerra cultural, a partir da ideia de uma ruptura na sociedade provocada por dois conjuntos morais: um ethos moral progressista e um ortodoxo. A antiga polarização entre uma direita liberal, que defende a meritocracia baseada na livre iniciativa, e uma esquerda que

---

3 EL PAÍS. Facebook retira do ar rede ligada ao MBL antes das eleições. Páginas desativadas tinham, juntas, mais de meio milhão de seguidores, segundo fontes ouvidas exclusivamente pela agência Reuters. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/25/politica/1532531670\\_089900.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/25/politica/1532531670_089900.html). Acessado em 19.06.2019

4 O sociólogo americano analisou a crescente polarização do país em torno de temas que até meados do século 20 não faziam parte do debate público. Direito ao aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, conceito jurídico de família, cotas raciais em universidades, entre outros temas, que passaram a mobilizar a opinião pública no país a partir da década de 60. Essa miríade de choques culturais indicava, segundo Hunter, uma guerra cultural originária de um conflito cultural profundamente enraizado.



defende a intervenção política para justiça social passa a ser substituída por um conservadorismo punitivo e, de outro lado, um progressismo compreensivo. (ORTELLADO, 2014).

A internet e as redes digitais abriram espaço para novas possibilidades de ativismo. Por outro lado, percebe-se que há vozes mais radicais com manifestações e repercussões que antes não eram alcançadas. A tecnologia mudou, mas a radicalização do debate nos remete ao que Hunter (1991) considerava há algumas décadas: “o resultado do sensacionalismo ruidoso é calar as vozes mais moderadas”. A existência da polarização quando se reflete em uma radicalidade negativa é a expressão do sentimento de ódio.

“O discurso de ódio é o motor da viralidade política. Cabe aqui inserir aspas no termo ‘discurso de ódio’, para qualificar tanto o sentido do ‘discurso’ (porque nele há franqueza, há a verdade como denúncia do horror, mas há também falsificação e artificialidade do real), quanto o sentido do ‘de ódio’ (porque a raiva também explicita crítica rasgada e eloquente da indignação da exploração da vida, mas também pode ser efeito do *haterismo* idealista e sua metralhadora cheia de mágoas)”. (MALINI, 2017)<sup>5</sup>

O assunto nos leva a pensar sobre a questão ética e a credibilidade da informação através da competência crítica em informação (CCI) que esclarece sobre o usuário e a maneira como proceder em termos instrumentais para suprir suas necessidades informacionais. Isso sem falar no uso ético da informação a que está diretamente relacionado. De acordo com Brisola, Shneider e Silva (2017) a dimensão ético-política do uso remete às disputas de poder, das microdisputas cotidianas às querelas entre partidos políticos ou mesmo entre Estados-Nação, em suas inúmeras modulações: argumentos, leis, espionagem, arquivos, propaganda etc. No limite, remete à liberdade e à tirania.

“A CCI exige: **1)** competência instrumental; **2)** reflexão sobre as necessidades informacionais; **3)** atitude questionadora diante da informação; **4)** atitude questionadora diante das fontes de informação; **5)** Estudo da ética em informação; **6)** conhecimento das teorias sociais críticas e críticas da informação”. (SHNEIDER et al, 2017, p.49)

---

5 <https://www.labic.net/cartografia/como-o-discurso-de-odio-amplia-a-viralidade-do-noticiario-politico-no-facebook/> Acessado em: 20.06.2019

A questão está também em compreender a manutenção da polarização nas redes e o sistema que permite que essa esfera de debate prossiga nesse ritmo de enfrentamento. Embora os algoritmos sejam um jogo de poder dessas novas mídias, de acordo com Antoun (2017) considera-se que exista uma sequência da lógica de querer que você permaneça conectado. “Nessa perspectiva, as redes sociais são bem menos invasivas que a mídia de massa tradicional, com a qual, mesmo que você não queira, certamente estará em contato na televisão do restaurante, no rádio do táxi etc.”<sup>6</sup>

Desta forma a reflexão de Afonso Albuquerque (2017) sobre Blogosfera Progressista não deve ser compreendida como um elemento à parte do sistema midiático brasileiro. Pelo contrário, é interessante encará-la como parte de uma ecologia da mídia contemporânea no país. E é a ação coletiva que transforma um punhado de blogs de política em verdadeiro ecossistema midiático.

O elevado número de abstenções de votos, os desalentados, aqueles que já desistiram de estudar ou procurar emprego, compõem parcela da população que tem crescido e que, portanto, emerge em um cenário eleitoral de incertezas. Precisamos avaliar qual o reflexo desse contingente hoje, frente a uma realidade de redes sociais digitais. Dizem Malini e Antoun (2017) ser inegável o papel da rede em promover a liberdade de expressão e o desenvolvimento social, quando vinculado à biopolítica. No entanto, para eles, trata-se de um livre “arbitrio” condicionado, “negativo”, monitorado, vigiado, orientando para atender, em parte, aos interesses e estratégias de mercado.

Segundo Sodré (2014), ainda em referência   Malini e Antoun, no modelo da “Web 2.0”, em que se trata de receber e compartilhar os conteúdos e os usuários definidos como “perfis”, observa-se que passa a ser medida pela quantidade de grupos criados, o que transforma fãs e seguidores em parceiros de uma agenda informativa.

Ao estudar os grupos no Facebook como o MBL (Movimento Brasil Livre), percebemos a manifesta o de uma resistência da civiliza o burguesa. Desta forma,   preciso atentar para a questão de que os grupos talvez promovam a manuten o do *status quo* do pensamento hegem nico, criando diferentes certezas a cada postagem para seus seguidores. De acordo com Gramsci sobre o pensamento hegem nico:

---

6 EL PAÍS. Facebook retira do ar rede ligada ao MBL antes das elei es. Páginas desativadas tinham, juntas, mais de meio milhão de seguidores, segundo fontes ouvidas exclusivamente pela agência Reuters. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/25/politica/1532531670\\_089900.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/25/politica/1532531670_089900.html). Acessado em 20.06.2018

“Nas sociedades capitalistas desenvolvidas (“sociedades de tipo ocidental”), a dominação coercitiva é completada pelas relações de direção político-ideológica, que ocorrem no interior da sociedade civil. Por meio dos aparelhos de hegemonia - imprensa, escola, Igreja, partido, sindicato etc.- os grupos dominantes exercem sua liderança intelectual e moral sobre o conjunto da sociedade, assegurando o consenso ativo dos dominados. As classes subalternas, por sua vez, para conquistar o poder, deverão ser capazes de criar e expressar uma visão de mundo contra-hegemônica”. (Gramsci apud Coutinho, Leal 2012, p.110)

As relações virtuais de grupos de direita e esquerda, em um cenário eleitoral de incertezas e ceticismos, estão quase sempre representadas pelo ódio, pela intransigência e, acima de tudo, pela impossibilidade de diálogo em um meio que seria tão próspero neste sentido. De acordo com Wilson Gomes (2015), os ambientes sociais são forças de constrangimento ou reconhecimento social, ou seja, quanto mais o indivíduo é recompensado por certo comportamento, mais extremo se torna. O que se percebe é que as pessoas se sentem à vontade de atacar outras na rede porque o ambiente on-line permite isso.

## Os Posts

A pesquisa foi realizada na internet no período que compreende o horário da propaganda eleitoral gratuita, de 30 de agosto até o segundo turno das eleições, 28 de outubro de 2018. A pesquisa na sua totalidade tem 130 posts coletados para dar prosseguimento ao estudo. Para o artigo foram selecionados quatro posts identificados pela sua importância relacionada à discussão aqui proposta. Na realidade o trabalho pretende se desenvolver e não se esgota nesta apresentação.

Para iniciar é necessário apresentar um pequeno histórico sobre os grupos escolhidos, suas origens e formação. O Pragmatismo Político,<sup>7</sup> além de ser de uma ideologia política mais à esquerda e está no ar desde setembro de 2009, se consolidou como um dos maiores sites de notícias e opinião do Brasil. “Caracterizado pela independência editorial, o grupo se destaca por disseminar informações de qualidade e fomentar debates e reflexões que estimulam o senso crítico — tudo com responsabilidade jornalística”.

---

7 PRAGMATISMO POLÍTICO. Quem somos? Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/01/quem-somos.html>>. Acesso em 28/06/2019

O MBL - Movimento Brasil Livre<sup>8</sup> que está alinhado a uma ideologia política mais à direita, é um movimento político brasileiro que defende o liberalismo econômico e o republicanismo, ativo desde 2014. Em seu manifesto, cita cinco objetivos: "imprensa livre e independente, liberdade econômica, separação de poderes, eleições livres e idôneas e fim de subsídios diretos e indiretos para ditaduras". Em sua Homepage vende produtos como "pixulecos" e aceita doações em BTC, Bitcoins,<sup>9</sup> primeira criptomoeda descentralizada do mundo, que permite pagamentos em transações online.

Os posts relativos ao MBL em geral têm uma imagem muito carregada de informações com textos na mesma proporção que as imagens, deixando a aparência pouco técnica e gerando alguma dúvida ou questionamento quanto à credibilidade. Isso foi observado na maioria dos posts coletados e os que estão exemplificados e selecionados neste estudo. Esta é a maneira que se percebe a comunicação escolhida pelo MBL. Inicialmente esta forma não afasta seu público de suas ideias.

O Pragmatismo Político, por ser um site de notícias e opiniões, além de ter sido fundado há mais tempo que o MBL, tem um aspecto jornalístico na sua comunicação, o que pode gerar uma credibilidade maior. Por outro lado, acaba selecionando mais o seu público.

No primeiro post, do Pragmatismo publicado dia 23 de agosto 2018, a Rede Globo declara que não dará cobertura à campanha do ex-presidente Lula, pois priorizará os candidatos mais bem posicionados nas pesquisas. A justificativa era de que o ex-presidente estava preso em Curitiba. O jornalista e apresentador William Bonner informou que apenas os candidatos registrados no TSE e mais bem posicionados na pesquisa Datafolha e Ibope teriam cobertura.

No segundo post, do MBL, publicado no dia 27 de agosto de 2018, após o início da propaganda eleitoral gratuita, com mais de 3 mil compartilhamentos, a Lava Jato estava sendo usada nos comentários para reforçar o perfil mentiroso, bandido e criminoso dos Petistas. O post fazia referência a uma reportagem da Folha de S. Paulo: "Exército virtual petista foi pago para fazer propaganda pró PT via Twitter".

No terceiro post, do MBL, publicado no dia 2 de setembro, o grupo faz uma mensagem de agradecimento aos operadores do Direito envolvidos na Lava Jato.

---

8 WIKIPÉDIA. Movimento Brasil Livre. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_Brasil\\_Livre](https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Brasil_Livre)>. Acesso em 28/06/2019

9 MERCADO BITCOIN. Disponível em: <https://www.mercadobitcoin.com.br/> Acesso em 28/06/2019

O post alcançou quase oito mil compartilhamentos e doze mil curtidas. Palavras como “herói”, “povo brasileiro”, “orgulho”, “justiça”, “Lava Jato” se repetem a cada comentário e parecem amplificar a publicação.

No quarto post, do Pragmatismo Político, no dia 6 de setembro, o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) ordena que seja retirada do ar a publicação sobre Jair Bolsonaro, onde o candidato nega precisar de votos dos nordestinos. Até a eleição anterior a 2018, as regiões Norte e Nordeste eram reduto dos eleitores de esquerda. Nesta eleição, o mapa por votos de esquerda e direita sofreu uma alteração: estados do nordeste que tinham resultado favorável para o candidato de esquerda, desta vez, ao contrário, cederam espaço para candidatos de direita.



Quadro 1: Prints de posts do Facebook

Fonte: Arquivo da autora baseado nos posts coletados.



## Considerações finais

O estudo dessas relações de antagonismo e seus significados é ainda uma apresentação preliminar de uma percepção da autora que compreendeu que os enfrentamentos na rede tomaram um rumo sem possibilidade de diálogo e, portanto, sem possibilidade de ampliação do conhecimento. No caso em questão, ainda não será possível tirar conclusões mais aprofundadas justamente por estar em estágio inicial.

Muito embora o estudo seja preliminar, o trabalho tem como objetivo ressaltar as divergências e analisar alguns pontos que validam a comunicação no Facebook como os compartilhamentos de postagens, as curtidas e a análise dos debates e os antagonismos para compreender o ceticismo político e os efeitos do debate político.

Nos posts apresentados, fica visível a postura do grupo MBL referente ao cenário político e a ênfase nos aspectos que estigmatizam ainda mais o ex-presidente Lula, o PT e o enaltecimento da Lava Jato. Pôde-se avaliar que a Lava Jato estava neste período como mola propulsora também das eleições, dado o aumento de comentários e compartilhamentos quando por algum motivo se mencionava a ideia como se fosse a voz moralista do povo.

É importante perceber que o número de compartilhamentos informado no Facebook do grupo MBL é muito superior ao número de compartilhamentos informado no Facebook do grupo Pragmatismo Político. Observou-se nos posts do grupo MBL de 27 de agosto de 2018 que obteve 3.693 compartilhamentos e de 02 de setembro de 2018 atingiu a marca de 7.792 compartilhamentos. Em relação aos do grupo do Pragmatismo Político o post de 23 de agosto de 2018 foram 335 compartilhamentos e no de 06 de setembro de 2018 chegaram a registrar 14 compartilhamentos.

No que se refere ao Pragmatismo Político, a tentativa parece, inicialmente, publicar o que vai gerar credibilidade à informação. É possível observar que suas publicações apresentam um número bem inferior de compartilhamentos e comentários, igualmente.

Além disso, foi importante fazer um pequeno histórico de cada grupo antagonico no Facebook para que fosse possível visualizar o comportamento de cada um na rede e facilitar a abordagem relativas aos posts.

Algumas limitações foram percebidas ao longo da construção do artigo e que devem ser pensadas como sugestões para o desenvolvimento desse trabalho: **(1)** a dificuldade de apurar os dados referentes aos grupos em laboratórios de pesquisas de dados, para confrontar resultados. **(2)** realizar uma análise dos usos de *hashtags* no período estudado. **(3)** embora não esteja previsto na evolução do trabalho o estudo do uso de robôs, será muito importante que se crie nuvens de palavras para os posts que apresentarem importância neste sentido.

**BIBLIOGT**

**RAFIA**



ALBUQUERQUE, Afonso. CARVALHO, de M. Eleonora. *A Blogosfera Progressista e a reeleitura do modelo de jornalismo independente no Brasil*. In: Comunicação e cidadania Política. Cultura Acadêmica, São Paulo, 2017.

ALDÉ, Alessandra. *Cidadãos na Rede: tipos de internautas e sua relação com a informação política online*. Revista Contemporânea. Vol. 09, n.3. Salvador: UFBA, 2011, p. 370-389.

BARBERO, Martín Jesús. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro. Editora Ufrj, 2009.

BOURDIEU, PIERRE. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo. Perspectiva, 2013.

CAPPELLA, N.Joseph; JAMIESON, H. Kathleen. *News frames, political cynism, and media cynism*. The Annals of the American Academy of political and Social Science. Vol:546, issue 1, 1996.

CERTEAU, de Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

COUTINHO, G. Eduardo; LEAL, S. A. Carlos. *Reificação e Hegemonia: Uma aproximação*. Novos Rumos. Marília, v.49, n.1, p.107-116, jan-jun, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 1988. Rio de Janeiro, Graal, pp. 167-77.

GOMES, Wilson. *A Política na timeline*, Edufba, 2014.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. São Paulo: Editora, Unesp, 2011.

HUNTER, D, James. *Culture Wars: The Struggle to Define America*. Nova York: Basic Books, 1991.

IANNI, Octavio. *Enigma da modernidade-mundo*. São Paulo: Editora, Record, 2000.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo, Aleph, 2009.

KONIZETS, Robert.V. *Netnografia, realizando pesquisa etnográfica online*; Penso, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo. Viver na era do capitalismo artista*. São Paulo. Editora Schwarcz, 2015.

MALINI, Fabio, <https://www.labic.net/cartografia/como-o-discurso-de-odio-amplia-a-viralidade-do-noticiario-politico-no-facebook/>,2017.

SHNEIDER, Marco; BEZERRA, C. Arthur; CASTRO, Leonardo. *Um esboço de autoanálise da Ciência da Informação: contribuições de Pierre Bourdieu*. In: Bourdieu, Pierre e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação. Rio de Janeiro. Garamond, 2017.

SODRÉ, Muniz. *A Ciência do Comum notas para o método comunicacional*; Petrópolis, RJ, editora Vozes, 2014.

VREESE, de Cales. *The effects of strategic news on political cynicism, issue evaluations, and policy support: A Two-Wave experiment*. Journal Mass Communication and Society.Vol.7, issue 2, 2009, p.191-214.